

# Adélia Prado – Ruim

Me apanho composta:  
as vísceras, o espírito,  
meu ânima em dispneia.  
Nem uma seta consigo pintar na estrada.  
Ô tristeza, eu digo olhando meu livro.  
Ô bobagem.  
Ô merda,  
polivalentemente, eu digo.  
De que me adiantou pegar na mão do poeta  
e mandar pra frente da batalha feminista  
a mulher do meu amado,  
se o que me sobra é um nó,  
uma ruga nova,  
a lembrança da gafe abominável?  
Tudo para encruado.  
Nem ao menos o rabo da poesia,  
o fedor de vida  
que às vezes deixa no ar  
seu intestino grosso.  
Ô Deus, eu digo enraivada,  
esmurrando o ar com meu murrinho de fêmea.  
Ó. Ai. Ai ai ai...  
Se chovesse ou eu ficasse grávida,  
quem sabe?  
Na saída da cidade desconhecida  
duas placas altas apontavam:  
IBES.....ARIBIRI  
Um preto no cruzamento  
olhava atentamente para o fim dos tempos.  
Eu olho meu olho fixo.  
Como se não houvesse cantochão nem monges.

**Adélia Prado, O coração disparado**